



Poemas

Natalia Barros¹

O adágio da cobra e da rã

Parecia o canto de um pássaro, muito forte, no jardim. O calor a tudo silenciava, menos aquilo. Às duas horas da tarde, não restava nenhuma sombra de dúvida, pude ver de perto: a rã na boca da cobra. Era uma rã amarela – com a transparência dos anfíbios – e uma cobra, rajada de verde e marrom, com papo amarelo e cabeça triangular. No caramanchão, diante de todos os olhos, sob o sol forte, uma trepadeira, de origem indiana, ocultava quase todo o corpo da serpente. A plenos pulmões, a rã gritava. Olhei sem interferir – nem a favor, nem contra – no que era, desde há séculos, assim, vital. Aos poucos, a rã se calou, enquanto a cobra ia devorando lentamente, num ritmo contínuo: pernas, corpo, braço, mão, cabeça e, por fim, a outra mão, que continuava agarrada à planta, em silêncio. Em maior silêncio, fiquei eu. Um eco mudo repercutia num adágio longe, na descida da montanha, na praia. O mar salpicava as ondas nas rochas – explodindo-as: belas e brancas – sem se saber se a água mole ou a pedra, para sempre, ou até quando, durarão.

*

quero aprender a usar a espada
mas, disse-me um amigo, isso leva tempo;
também eu —
levo tempo.

*

ESPER (AR - TE)

Não vens? Opto em propor vitalidades; caio às vezes no absurdo. Salva pelo gongo da poesia, mendigo sentidos, outros. Há dias perambulo numa lua vazia, mas minha. A tristeza precisa de vigor para movimentar-se. A expressão no centro do meu lago espelha uma aparente calma, porém ferve uma chama, intrépida, capaz de ebulir a água. O mundo alastra-se, internamente. Por sorte, dia de caprichos no jardim; reflito-me no exterior botânico: sulcos, seivas, raízes. Perfumes da terra. Sigo o requinte do olfato. Desde que te quis, de novo, re-ver-ter, seu cheiro impregna a casa do meu corpo; perpassa-o como a palavra exata. Corta o ar ao meio e abre caminho na mata úmida. Bambus reverberam, espalham ao vento o silêncio de um lado ao outro. Farejo o amor na carne do meu sexo, que desponta no remoto cotidiano. Tudo vibra. Cresce desde o início o desejo dito. As fronteiras das sombras se expõem. Abdico de tudo, mas mantenho o ritmo, pago contas, leio, respondo mensagens e vejo os pormenores. Só quero a arte como se fosse totalmente possível; numa impossível verdade que se realiza, sou eu, possuída, nessa espécie de nobreza a dizer-te: vem me ver-te.

Lembranças no meio da tarde:

meu batimento cardíaco traz um estranho gosto de velocidade na boca - digo por que vi. esses olhos que um dia a terra há de comer, que sirvam, ao menos, para fertilizar os canteiros dos lírios azuis. um querer mais que não sacia, nem dá satisfação. amplia o horizonte e não avista a terra da razão. considera as estrelas, sinapses lácteas. um preço alto, pelo apreço, é cobrado em dobro – dois pássaros voando valem quanto não se sabe e se quer saber.

para prosseguir a viagem, meu pássaro precisa descansar na palma da sua mão - numa intimidade brutal – para dentro da sombra da noite.

antes de sair, ao se virar para se olhar no espelho, ela viu que o plexo solar incandescia.

migrante

um pássaro
em chamuscas
pousou

na minha mão
logo
voou

para a noite
mais escura
que as ondas
mais brancas
que (o) nunca mais

mais selvagem

que
o
pulsar

vejo - o
com olhos flechados
da memória do fogo
vivo

O CÃO

No meio do trânsito na estrada, como sempre pesado,
vi num viaduto, um homem carregando um corpo
de um grande cão morto, recentemente atropelado.
Não parecia que o cachorro fosse dele,
parecia apenas que ele estava lá, naquela hora,
e que teve compaixão.
O cachorro não era de ninguém, o homem não era ninguém,
e seguiam agora juntos pelo asfalto quente.
O homem com o corpo do cão nas costas.
Um parangolé.
Atravessaram o meu caminho. Feito coisa feita destino.
Drama não é o fim de cada ato.
A vida é drama de fato.
A ação é dramática.
A alegria também.

O CHAMADO

ouço o chamado. reconheço-o pelo ardor da chama. resplandece,
e pela mesma luz posso observar a quantidade de escuridão
ao redor. não há nada menos do que essa beleza terrível que
é a noite do vir à saber. ouço o chamado. distingo os pássaros
que migram e que se aninham, seguem a vocação do ir,
vir e procriar. ouço o chamado, sei que a mim, fala de coragem
e rigorosamente de entrega e delicadezas. canto vigorosamente
às estrelas que pulsam sons sem palavras. a carta celeste está
em branco. reluz um ponto de fulgor. o navio navega de volta
para casa, desta vez sem mastros e amarras. as sereias são
a minha casa. singro meu destino onde mostrar-se é o único
caminho para saber-se.

*

o espírito
de escrever, as mãos
do filho, o quadril
do desejo, o pulsar
da lua, o sexo
da palavra, a boca
do tempo, a respiração
do hábito, os músculos
do mistério, o gozo
da estrela, o considerar
de dentro, o hálito
do trabalho, o labirinto
do que sou
feito

a epiderme
da dúvida, o pensamento
da janela, o olhar
de abraçar, os braços
do peso, os ombros
da sombra, os sonhos
de deus, o sim
do pão, a fome
do mar, a imensidão
da nuvem, a memória

do sal, o sangue
do afeto, o outro
feito
do que sou

¹ **Natalia BARROS** é cantora, poeta e jardineira. Contemplada pelo Proac 2011 de literatura, acabou de editar seu primeiro livro, *Caligrafias*, pela Ofício das Palavras editora, com seus poemas, mini contos e ilustrações. Apresenta-se num show, que acompanha o livro, onde canta e fala seus textos. Publica seus poemas no site de literatura Cronópios, onde também tem um programa de entrevistas: Tea for Two. Email: nataliabarros@uol.com.br

Recebido: 08.12.2013

Aceito: 05.12.2013